

ANTONIO CANDIDO: Mudança perceptiva em relação ao Regionalismo e a fundamentação teórica para o Neorregionalismo

*Herasmo Braga de Oliveira Brito*¹

47

Resumo:

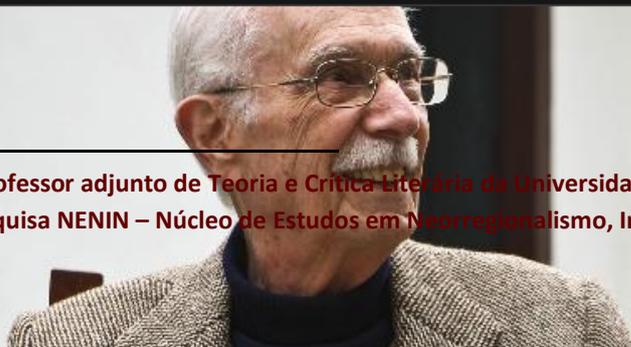
Este estudo tem como objetivo analisar a postura de Antonio Candido diante do Regionalismo Literário Brasileiro, que vai mudando ao longo das suas obras, e com base nesta mudança destacar os elementos basilares que serviram como referência para o desenvolvimento do Neorregionalismo Brasileiro. A presente análise caracteriza-se, essencialmente, como bibliográfica. Utilizando-se como base os seguintes autores: Candido (1992, 2000, 2002, 2006), Braga (2017). Buscou-se, primeiro, apresentar as diversas visões de Antonio Candido em relação ao Regionalismo. Em seguida, evidenciamos os elementos conceituais que serviram como base para a configuração do Neorregionalismo Literário Brasileiro.

Palavras-chave: Regionalismo Literário; Neorregionalismo; Crítica Literária.

dossiê temático:

ANTONIO CANDIDO

¹ Professor adjunto de Teoria e Crítica Literária da Universidade Estadual do Piauí – UESPI e líder do Grupo de Pesquisa NENIN – Núcleo de Estudos em Neorregionalismo, Imaginário e Narratividade.



Não há dúvida que Antonio Candido foi o maior crítico literário brasileiro no século XX. Suas obras foram responsáveis por diversas elucidações dentro do cenário literário nacional, como também contribuiu efetivamente na formação de diversos teóricos e críticos literários. Com tantas obras abordando tantas temáticas, períodos, autores, obras, seria impossível não haver algumas questões a serem melhor resolvidas, outras mais aprofundadas e até mesmo algumas serem questionadas, pois o pensamento crítico como tão bem ele defendia deveria estar constantemente apresentando novas possibilidades, novos argumentos, ratificando e retificando ideias, lançando novas conjunturas. Dessa maneira, portamo-nos diante de algo que, a nosso ver, não foi confortável nas abordagens de Antonio Candido, como a questão do regionalismo literário.

Analisar, portanto, essa questão apresentando um pouco dessa certa condenação, em um primeiro momento, e depois certa redenção por parte de Candido ao trabalhar com autores como Graciliano Ramos

e José Lins do Rêgo, e ainda apresentar os elementos que dão base para a formulação da análise configurativa de uma nova tendência na literatura brasileira contemporânea, o Neorregionalismo, constitui o ensejo do nosso texto.

Sendo adepto do modernismo da Semana de Arte de 22 e do confronto dessa Semana com os regionalistas nordestinos, representado por Gilberto Freyre e José Lins do Rego, parece-nos que a tomada de uma posição por parte de Candido fez com que ele se direcionasse a pormenorizar a questão regional em um primeiro momento, como ficou marcado em seu texto clássico *Literatura e subdesenvolvimento*. Diz ele:

[...] demora cultural. É o que ocorre com o Naturalismo no romance, que chegou um pouco tarde e se prolongou até nossos dias sem quebra essencial de continuidade, embora modificando as suas modalidades [...]. Por isso, quando na Europa o Naturalismo era uma sobrevivência, entre nós ainda podia ser ingrediente de fórmulas literárias legítimas, como as do romance social dos decênios de 1930 e 1940 (CANDIDO, 2006, p. 180).

Candido nesse texto irá não só associar a questão do regional a uma manifestação tardia do naturalismo nas nossas letras, como também irá colocar que a questão regional ainda estava presente em nosso meio pelo fato de não termos superado a nossa etapa de subdesenvolvimento social e econômico. Por essa razão, o exótico e o pitoresco se faziam tão presentes em obras de autores em estados periféricos de um país de dimensão continental.

Em obra anterior a esse texto, que até mesmo o projetou e constitui leitura imprescindível não só para os homens das letras, mas para quem busca compreender o Brasil, lançada nos anos 50 do século XX, que é *Formação da literatura brasileira* (2000), Candido dividiu o Regionalismo em três momentos: O primeiro acontece durante o Romantismo e caracteriza-se pela valorização dos aspectos locais. Nesse período, destacam-se Bernardo Guimarães, José de Alencar, Visconde de Taunay e Franklin Távora. O Regionalismo ficou também conhecido como Sertanismo, cuja ideia refere-se a um país que existe além do litoral.

O segundo momento acontece na virada do século XIX para o XX. Os produtores desse tipo de regionalismo foram Coelho Neto, Afonso Arinos, Simões Lopes Neto, dentre outros. Nesse instante, a paisagem e o homem, antes exaltados como virtuosos, passam a ser elementos exóticos de um país não civilizado. Assim, ocorre a

sobrevalorização do pitoresco sobre a ação humana. No dizer de Antonio Candido (2000, p. 267),

[...] é uma verdadeira alienação do homem dentro da literatura, uma reificação da sua substância espiritual [...] para deleite estético do homem da cidade. Não é à toa que a literatura sertaneja [...] deu lugar à pior subliteratura de que há notícia em nossa história.

Subliteratura é então vista dessa maneira devido ao seu caráter meramente descritivo e de pouca profundidade estética. O terceiro momento caracteriza-se pela “[...] tomada de consciência do subdesenvolvimento”. A problematização social brasileira passa a compor as narrativas dos romancistas dos anos 30 e 40 do século XX (CANDIDO, 2006, p. 193).

Sendo assim, não convergimos com o pensamento de Antonio Candido em *Textos de intervenção*, quando se posiciona acerca do regionalismo e seu fim: tanto na crítica brasileira quanto na latino-americana, a palavra de ordem é “morte ao Regionalismo”, quanto ao presente, e menosprezo pelo que foi, quanto ao passado. Essa atitude é criticamente interessante se tomarmos como um “basta!” à tirania do pitoresco, que vem a ser afinal de contas uma literatura de exportação e exotismo fácil. Mas é forçoso convir que, justamente porque a literatura desempenha funções na vida da sociedade, não depende apenas da opinião da crítica que o Regionalismo exista ou deixe de existir. Ele

existiu, existe e existirá enquanto houver condições como a do subdesenvolvimento, que forcem o escritor a focalizar como tema as culturas rústicas mais ou menos à margem da cultura urbana. O que acontece é que ele vai modificando e adaptando, superando as formas mais grosseiras até dar a impressão de que se dissolveu na generalidade dos temas universais, como é normal em toda obra bem-feita (CANDIDO, 2002, p. 86-87).

Essa marca que ficou no regionalismo de algo pitoresco e exótico fez-se bastante evidente nas primeiras obras do regionalismo romântico, que ao longo do tempo foi perdendo essas características. Os romances da década de 30 são alguns exemplos da perda desse caráter. Todavia, ocorre a manutenção equivocada dessas ideias. Assim, diante da presença desses estigmas, acaba por fazer com que diversos autores tidos por nós como neorregionalistas rejeitem tal ideia.

Interessante observarmos que se, em um momento, Antonio Candido parece um pensador a reforçar o estigma um tanto reducionista das obras regionalistas, associando suas ideias às questões econômicas, como se percebe em *Literatura e subdesenvolvimento* (2000), e, no caso específico, boa parte da prosa regionalista ser relacionada à região nordeste, ao longo dos seus escritos essa visão parece se confrontar. Podemos ilustrar essa questão com a obra *Ficção e confissão*, um estudo publicado por Candido em 1992 sobre as obras de Graciliano

Ramos. Diz ele nas primeiras páginas, ao se referir à obra *Caetés*:

A atmosfera geral do livro se liga também à lição pós-naturalista, voltada para o registro dos aspectos mais banais e intencionalmente anti-heróicos do cotidiano e com certo pudor de engatilhar os dramas convulsos de que tanto gostavam os fogosos naturalistas da primeira geração (CANDIDO, 1992, p. 14).

Verificamos nessa passagem a presença ainda da centralidade discursiva da questão naturalista associada aos autores regionalistas, mas, ao longo das linhas, parece ser deixada de lado e outros elementos valorosos começam a fazer parte das análises em relação não só a outras obras aferidas posteriormente – até mesmo *Caetés* volta a ser lembrada, no entanto com outro olhar apreciativo. Podemos destacar essa mudança quando ele começa a analisar *São Bernardo*. Diz ele em suas passagens iniciais:

Não se trata, evidentemente, do resultado mecânico de certas relações econômicas. Uma profissão, ou ocupação qualquer, é um todo complexo, integrado por certos impulsos e concepções que ultrapassam o objetivo econômico. [...] Em Paulo Honório, o sentimento de propriedade, mais do que simples instinto de posse, é uma disposição total do espírito, uma atitude geral diante das coisas (CANDIDO, 1992, p. 28).

Salientamos nesse trecho como a questão do viés econômico que justificou em outro texto a condição regionalista como um sintoma do subdesenvolvimento agora é referido para suplantar, parcialmente, ao evidenciar aspectos complexos da composição e feitura do romance de Graciliano Ramos. Outros elementos corroboram para que Candido anuncie que a obra é “um romance forte com estrutura psicológica e literária” (CANDIDO, 1992, p. 29) e promova a seguinte menção:

Não há em *São Bernardo* uma única descrição, no sentido romântico e naturalista, em que o escritor procura fazer efeito, encaixando no texto, periodicamente, visões ou arrolamentos da natureza e das coisas. No entanto, surgem a cada passo a terra vermelha, em lama ou poeira; o verde das plantas; o relevo; as estações; as obras do trabalho humano: e tudo forma enquadramento constante, discretamente referido, com um senso de oportunidade que, tirando o caráter de tema, dá significado, incorporando o ambiente ao ritmo psicológico da narrativa. Esse livro breve e severo deixa no leitor impressões admiráveis (CANDIDO, 1992, p. 32).

Esse trecho sustenta bem o que estamos apresentando em relação à mudança significativa de Antonio Candido. Não podemos associar tão somente a um escritor, no caso Graciliano Ramos, pois ele irá apresentar ideias significativas sobre José Lins do Rego também, que, para ele, “produziu as obras-primas das

terras de massapé, com a planturosidade das regiões fartas” e que “se tornou o escritor por excelência da terra estorricada” (CANDIDO, 1992, p. 49). Destacamos, portanto, esse novo olhar sobre o tema do regionalismo, antes considerado quase como uma literatura menor, de datação histórica de outrora e, portanto, manifestadora de uma estética fora de época, para uma produção em que os problemas dos sujeitos são marcados pelos fatores sociais decorrentes das condições históricas e geográficas, que o tornam cada vez mais de posse não de uma consciência amena de atraso, mas de problematização crítica das condições a ele imposto, como podemos comprovar com este outro pensamento de Candido quando menciona: “o drama de *Vidas Secas* é justamente esse entrosamento da dor humana na tortura da paisagem” (CANDIDO, 1992, p. 47). Podemos balizar o caráter de universalidade que as obras começam a ter para Candido em oposição à ideia que pairava sobre suas observações, visão justificada por um regionalismo romântico que tinha um teor mais localista. Antonio Candido percebe que os dramas universais humanos se fazem presentes nas obras regionalistas e que suas inquietações sobre os problemas sociais marcam a formação do sujeito, dando-lhes, mesmo em um mundo sem instrução formal, um sentimento que vai além das fronteiras geográficas.

Antonio Candido, na obra ilustrativa da mudança de percepção acerca dos autores regionalistas de 1930 em que o tema central é

Graciliano Ramos, no entanto, faz alusão a José Lins do Rêgo, em outros momentos a autores regionalistas diluídos ao longo dos seus diversos textos, tais como Raquel de Queiroz, Jorge Amado e a outro que veio na geração seguinte, Guimarães Rosa, à ideia de que esses autores perceberam que “[...] a literatura não dá segurança, porque a obra de arte realiza apenas uma parcela mínima do que se imaginou” (CANDIDO, 1992, p. 52), pois eles projetaram uma construção em que o ético com o estético se associavam e, em prol de um engajamento ao mesmo tempo social, também abordava os dilemas internos universais dos indivíduos, como, por exemplo, o silêncio de Fabiano tão bem explorado por Lourival Holanda em *Sob Signo do Silêncio* e a condição de Conceição em *O Romance de 30*, de Luís Bueno.

Interessante observarmos como Candido deixa-se envolver pela escrita desses autores e toma Graciliano Ramos para mencionar que “Um artista nada mais faz do que tomar os lugares-comuns e renová-los pela criação” (CANDIDO, 1992, p. 54), e que os autores regionalistas fazem é exatamente esse ato criativo profundo e não meramente descritivo em que uma dada realidade de condição de subsistência e de atraso econômico e social não seja o único aspecto a se fazer presente nos enredos. A criação desses autores perscruta os sentimentos que movem os sujeitos em um ambiente tão áspero e desprovido de recursos materiais; meio em que a exploração parece ser a tônica.

Essa criação permite até animais ganharem uma projeção humana digna de universalidade, como, no caso de *Vidas Secas*, de Graciliano, a cachorra Baleia, em semelhança ao tocante à humanização de sentidos, na ideia de humanização dos animais, ao atribuir-lhes laços emotivos da relação entre pessoas, como a *Moby Dick* de Herman Melville.

Ainda sobre as aproximações de Antonio Candido entre Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo que podemos associar aos grandes autores regionalistas nós temos a seguinte constatação:

Para Graciliano a experiência é condição da escrita; e em José Lins do Rêgo admira a capacidade de descrever com a pura imaginação. “*Eu seria incapaz de semelhante proeza: só me abalanço a expor a coisa observada e sentida*”. “*Nada me interessava fora dos acontecimentos*” (CANDIDO, 1992, p. 58).

Assim, o escritor retira do seu ambiente de vivência a carga de experiência para compor as suas narrativas. É através, portanto, dessa vivência experimentada que se ganha certa roboração em sua escritura, já que se parte do conhecido, do sentido, do verossímil: “O escritor vê o mundo através dos seus problemas pessoais; sente necessidade de lhe dar contorno e projeta nos personagens a sua substância, deformada pela arte” (CANDIDO, 1992, p. 64). Essa ideia é devidamente constatada quando, ao

acrescentar suas observações em relação a Graciliano Ramos, Candido refere:

A sua obra não nos toca somente como arte, mas também (quem sabe para alguns, sobretudo) como testemunho de uma grande consciência, mortificada pela iniquidade e estimulada a manifestar-se pela força dos conflitos entre a conduta e os imperativos íntimos. E a seca lucidez do estilo, o travo acre do temperamento, a coragem da exposição deram alcance duradouro a uma das visões mais honestas que a nossa literatura produziu do homem e da vida (CANDIDO, 1992, p. 70).

Diante dessa citação ela conclui a mudança perceptiva de Antonio Candido em relação ao regionalismo de 30 que, nos estudos mais antigos, era tido por ele como algo menor, mas sendo grande teórico e analista da literatura brasileira não se contrapôs a reconhecer seus equívocos e ideias um tanto equivocadas em relação ao regionalismo, como também os seus estudos serviram de base para analisar a nova tendência da literatura brasileira contemporânea: o Neorregionalismo.

Salientamos que em nenhum texto crítico de Antonio Candido ocorreu qualquer menção, ou mesmo que só com o uso do termo, à questão do neorregionalismo. Frisamos que a motivação do nosso texto foi ilustrar algumas posições de Candido sobre o regionalismo, que com o tempo foi se alterando. Saiu-se de uma visão de naturalismo tardio para uma reconhecida valorativa no

tocante ao aprofundamento de questões sociais e humanas dentro de obras estruturalmente bem construídas e com significativos avanços literários ao trabalhar de uma maneira crítica e engajada sem cair no discurso panfletário de pouca agudeza literária.

O Neorregionalismo² se configura como obras produzidas a partir dos anos 60 do século XX em que tínhamos as seguintes características presentes:

1. a presença de autonomia das personagens femininas dentro dos enredos, independente de qual fosse o gênero do autor;
2. o Espaço deixa de ser um elemento de composição estático ou de mera situacionalidade geográfica das personagens; ele passa a ser participativo nos enredos não de maneira determinante, mas influenciadora e chega até, em alguns momentos, a se configurar como personagem dentro das obras de tão marcante é a sua presença. Além disso, ele é subdividido em outros aspectos como espaço-

² Todas essas questões estão melhor trabalhadas dentro de uma obra nossa: *Neorregionalismo Brasileiro: análise de uma nova tendência na Literatura Brasileira*. Herasmo Braga de Oliveira Brito. - Teresina – EDUFPI, 2017

lembança, espaço-conflito, espaço-memória, pois ele passa a atuar/existir dentro dos indivíduos e, diante da sua aceitação ou não por parte das personagens, ele acaba contribuindo para tornar o sujeito alheio não só ao espaço quanto também a sua própria identidade, sentindo-se sempre deslocado diante da vida e por onde habita;

3. a memória presente nas obras funciona como elemento não só mantenedor das tradições regionalistas nas obras, mas também serve como instrumento de resistência à cultura globalizante que homogeneiza a cultura (BRAGA, 2017).

Todos esses elementos são configuradores dessa nova tendência dentro da literatura brasileira. Para se chegar até essa análise e interpretação dessa nova corrente estética literária é que os textos de Antonio Candido contribuíram. Podemos destacar a sua obra teórica clássica, *Literatura e sociedade* (2000), onde Candido propõe uma discussão estabelecendo os parâmetros analíticos que não devem se confundir ao se abordar questões envolvendo os estudos literários com os contextos sociais não só de suas produções, como também das problematizações provocadas pelos enredos diante de

determinados contextos. Lembremos que logo no início, quando ele apresenta a ideia de que a “análise estética precede considerações de outra ordem” (CANDIDO, 2000, p. 3), nessa pequena frase o que podemos notar é que devemos primeiramente valorar a literatura pela sua qualidade estética e ficcional. Sendo assim, obras teses acabam por comprometer desde o início este, digamos, princípio de análise formulado por Antonio Candido, e também, as teorias da atualidade que destacam muito mais a figura representativa do autor do que a sua construção literária.

Outro ponto relevante destacado em *Literatura e sociedade* (2000), que acaba sendo a tônica maior do livro, consiste na proposta significativa dos diálogos entre os aspectos interno e externo da obra sob a égide de uma interpretação dialética. Nesse ponto é que os estudos sobre o neorregionalismo literário começam a seguir um norte, visto que não se pode desconsiderar os textos, contextos e tradições presentes nos romances. Destacamos, por exemplo, a própria disposição do espaço que se no regionalismo era predominantemente rural, hoje os autores neorregionalistas desenvolvem suas tramas no ambiente urbano por ele ser hoje a territorialidade hegemônica no cenário de habitação da população brasileira.

Soma-se a essa nova disposição populacional no país também a questão da autonomia da mulher dentro do cenário social brasileiro como um fator notório. E uma das razões para essa questão também se

apresentar nas tramas neorregionalistas advém dessa nova condição feminina na atualidade, e qualquer autor que produzisse algo diferente nesse sentido estaria comprometendo a própria verossimilhança externa das obras diante das novas condições sócio-histórico-culturais de hoje e impossibilitando os diálogos entre os contextos.

Em razão dessas observações advindas depois dos fundamentos propostos por Candido (2000, p. 5), é relevante destacar este outro momento em que ele aponta para o ponto considerável nos estudos e análises das obras:

[...] quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar.

Diante disso, voltemos à questão do espaço. Em relação a ele, a mudança do neorregionalismo para o regionalismo deu-se pela nova percepção espacial além do físico. Agora o espaço se instaura dentro de uma perspectiva subjetiva nos indivíduos. Essa é uma estruturação peculiar das obras neorregionalistas. O espaço habita no interior dos sujeitos e acaba promovendo a sua própria construção identitária. Podemos citar como exemplo a obra *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito, em que o personagem Adonias rejeita o espaço que habita no seu interior e isso acaba

tornando-o um sujeito deslocado, desprovido de pertencimento e, conseqüentemente, as coisas não fazem ou fazem muito pouco sentido a ele.

Citando outra obra, podemos mencionar a personagem Maria, do romance *Outros Cantos*, de Maria Valéria Rezende. Apesar de a personagem retornar a um lugar na qual esteve durante a tentativa de alfabetização de uma comunidade rural, através de um programa de governo denominado Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), a narradora-personagem Maria vai durante a trajetória de volta para “Olho d’Água” com o intuito de ministrar uma espécie de palestra em um sindicato dos trabalhadores rurais. Ela vai reconstruindo todo um espaço que habitou nela e lhe trouxe significativas emoções, ao contrário de Adonias, que viveu na fazenda Galileia toda a sua infância e parte da adolescência e renega esse espaço sem se identificar com outro, como Recife ou Londres, cidades em que ele morou e teve toda a sua formação educacional. Maria de *Outros Cantos* teve uma vivência menor temporalmente, mas a marcou no seu interior, identificando-se com o espaço e tornando o seu retorno não como algo penoso, apesar de todas as inúmeras dificuldades que vivenciou durante aqueles meses, no entanto a rememoração traz para ela um sentimento de afeto pelo lugar e pelas pessoas.

Dessa maneira, o destaque intrínseco da questão do espaço serve como ponto

significativo quando se promovem as abordagens dialéticas entre os contextos das obras com os contextos sociais das suas feitura e das leituras, principalmente quando se tenta evidenciar os pontos de convergência entre o regionalismo e neorregionalismo, como também as suas diferenciações que podem ser antagônicas ou mesmo adaptativas/complementares.

Em meio a essas questões, ressaltamos uma importante orientação para as análises literárias. Segundo Candido (2000, p. 13), “achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal”. Diante disso, tomamos, ao abordar a questão da configuração do neorregionalismo literário, essa precisa precaução, pois não foi o fato de simplesmente ver na realidade aspectos presentes nas obras que nos fizeram criar um leve neologismo atribuindo uma conceituação baseada apenas na identificação dos elementos da época atual diante das narrativas. Se simplificássemos as coisas dessa maneira estaríamos a cometer dois grandes erros em que muitos trabalhos de análise atualmente têm exercido.

O primeiro seria assumir um partidarismo sociodiscursivo de algum segmento social do tempo presente e destacar nos enredos apenas aquilo que tendenciosamente me serve como justificativa para qualificar aquelas produções literárias que convergem com os meus anseios e contemplam a minha posição ideológica-

discursiva da minha posição social eleita. Ou, então, desqualificar com generalizações e equívocos as que não se enquadram no perfil que defendo.

O outro seria construir um nicho, reduzido a uma determinada forma em que forçadamente enquadrado as obras com base muitas vezes em pequenos fragmentos de interpretações supositivas em que os direciono para as minhas pretensões, e assim promovo a relevância de uma teoria ou uma linha estética sem qualquer profundidade nas análises e segurança nos argumentos. Apenas evidencio e apresento buscando a todo preço ter validade, como, por exemplo, as segregações literárias advindas de questões geográficas de fronteira em que estabeleço “essa é uma produção piauiense” e “essa outra maranhense”, “esta cearense”, e assim sucessivamente.

Dessa maneira, com esse olhar apurado em não simplificar ou mesmo forçar as obras a retratarem uma determinada tendência sem com isso ter os elementos que se enquadram diretamente é que investigamos os elementos configuradores que caracterizam os enredos de tendência neorregionalista e, assim, eles se fazem presentes em diversas produções literárias nas mais diferentes regiões, com os mais distintos autores. Temos nesse perfil as obras de Milton Hatoum, Ronaldo Correia de Brito, Maria Valéria Rezende, Francisco Dantas, Raimundo Carrero, Marçal Aquino, entre tantos.

Com tamanha pluralidade de autores dos mais diversos cantos do Brasil, como podem, sem uma ação programática, ter nas suas tramas tamanhas convergências que os configuram sob essa tônica do neorregionalismo? Mais uma vez, mesmo sem jamais evidenciar essa questão do neorregionalismo, Candido vai contribuir como base teórica para essa percepção da existência dessa tendência, como podemos ver quando ele desenvolve as ideias de motivações por parte dos escritores em que os contextos externos contribuam. Destaca Candido (2000, p. 21):

[...] os quatro momentos da produção, [...]: a) o artista, sob impulso de uma necessidade interior, orientando-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) síntese resultante age sobre o meio.

Interessante percebermos nessas alegações motivadoras do escritor é onde os elementos parecem se diluir entre os mais diferentes deles e, de certa forma, promovem a sua união através de elementos que os convergem. É conhecida a famosa frase de Aristóteles em que o homem é um animal político devido a sua condição de ter de viver diante dos seus semelhantes. Assim, dessa condição ninguém tem como fugir. Da mesma maneira podemos evidenciar a inerência no homem da capacidade de imitar, como destaca também Aristóteles em *A Poética*. Outra premissa que vai nessa mesma linha de

impossibilidade de se ter ou ser ausente paira sobre o homem ser um sujeito histórico, portanto, do seu tempo e do seu lugar. Então, não teria como o escritor se ausentar dos elementos que o cercam, já que ele retira do meio externo os rudimentos que irão compor as suas obras. Dessa forma, não há tanta possibilidade de o grande autor ser destituído das marcas do seu tempo e suas escritas refletirem isso.

É nessa confluência entre o social e o individual, como nos adverte Candido (2000), que a obra surge, pois o artista datado no seu lugar histórico-social-cultural retira os elementos que irão compor o seu registro literário que não são necessariamente visíveis. É importante perceber que essa questão acaba dando ao trabalho literário a proximidade de uma dada realidade, retirada de outra. Com isso, tomando o conceito aristotélico da verossimilhança, fica diante dessas aproximações realistas as produções literárias dentro de algo essencial que é ser crível. Todavia, isso só será possível se os princípios verossimilhantes dentro e fora da obra forem respeitados. Nesse momento é que observamos também que a obra ganha sua autonomia e se constitui uma nova realidade dentro de uma maior contextual e revela determinadas fissuras ou questões pouco visíveis dentro desse espaço realista maior.

Diante disso, o escritor ganha em credibilidade e consistência diante do público e suas produções literárias, quando de qualidade, perdem o caráter retórico ou belo

letrista para ganhar um sentido maior de significação no meio social. Também, com a autonomia da obra e com essa presença marcante dos diálogos internos e externos das produções, muitas coisas passam a independem da necessidade de apropriação de um dado aspecto, como de gênero, para se reconhecer, por exemplo, a autonomia da personagem feminina dentro dos enredos dos autores neorregionalistas, se esses autores são masculinos ou femininos. O vetor válido para construção de livros literários perscrutados na realidade, deve ter a necessidade da vivência, da experiência compartilhada, e não somente se vislumbrar algo ou apenas imaginar. Portanto, essa relação de capacitação ou de qualificação ao estabelecer como parâmetro se é homem ou mulher escrevendo sobre uma personagem feminina e sua autonomia, se a obra estiver repleta dos elementos anteriormente elencados, não passa de bandeiras ideológicas que apenas empobrecem os debates críticos.

À vista dessas questões podemos associar que o que liga os escritores neorregionalistas é essa consciência comum que Candido menciona: “os artistas podem permanecer desligados entre si ou vincular-se seja por meio de uma consciência comum, seja pela formação de grupos geralmente determinados pela técnica” (2000, p. 28-29). Assim, os escritores neorregionalistas parecem se configurar dentro das características comuns e das suas percepções temporais e do seu meio, mantendo a tradição regionalista

atualizada sem cair em descaracterização pela massificação cultural imposta ao mundo de hoje.

Entre os autores neorregionalistas como Assis Brasil, Francisco Dantas, Raimundo Carrero, Maria Valéria Rezende há certo compromisso importante para a Literatura que é o seu compromisso com a qualidade. Esses e outros autores neorregionais, como já abordamos anteriormente, não produzem um teor panfletário transvertido de obra literária. Eles produzem o que Antonio Candido (2000, p. 45) faz referência:

A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar.

Essa intemporalidade e universalidade tanto os escritores dos romances regionalistas de 1930 tiveram quanto os autores contemporâneos neorregionalistas mantém essas questões presentes nas suas obras. Esses aspectos se dão porque tanto regionalistas e neorregionalistas souberam utilizar elementos estéticos para problematizar questões sociais, valorando aspectos significativos das suas regiões sem se perderem em esterelidades discursivas de imposição.

De maneira não programática associavam a uma ideia significativa já

vislumbrada por um dos primeiros regionalistas de relevância, Franklin Távora, destacada por Antonio Candido (2000, p. 271) em *Formação da literatura brasileira*: “[...] para ele literatura não era apenas obra de fantasia, nem dispensava objetivos extra-literários: ‘[...] o romance tem influência civilizadora [...] moraliza, educa, forma o sentimento pelas lições e pelas advertências [...]’”. Se muitas questões formuladas por Távora, como a segregação da literatura nacional entre norte e sul, não foram aceitas nem pelos escritores regionalistas de 30, menos ainda pelos neorregionalistas, mas essa de compromisso social do escritor fora assumida pelas duas tendências literárias modernistas.

Observarmos dessa maneira que os autores regionalistas que apesar de fazerem parte da primeira metade do século XX e estarem ainda em um ambiente marcado pelas influências vanguardistas do início do século, os romancistas regionalistas não se interessavam muito em desenvolver uma produção literária meramente artística, i.e, produções esteticistas dentro de uma torre de marfim, desvinculadas da realidade social e histórica do país. Eles assumiam para si uma postura de engajamento estético e social dentro das obras, desenvolvendo certa função social que, para Antonio Candido (2000, p. 46), em *Literatura e Sociedade*, significa:

[...] a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra,

da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação. Mas, quase sempre, tanto os artistas quanto o público estabelecem certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra. O artista quer atingir determinado fim; o auditor ou leitor deseja que ele lhe mostre determinado aspecto da realidade.

Desse modo, uma visão realista e problematizadora é o que aproxima os autores regionalistas do seu público. Além disso, esse sentimento é acrescido por uma busca identitária nacional que, através do conhecimento de quem somos, pudessem nos oferecer a base para uma união em prol do desenvolvimento social e superarmos determinadas mazelas históricas, como a exploração do homem diante da miséria alheia. Esse compromisso social vinculado a uma produção estética literária de qualidade são elementos constituidores da prosa regional e que será dada continuidade pelos autores neorregionalistas na segunda metade do século XX aos dias atuais.

Diante dessa maneira de ver, a literatura é encarada como “um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores, e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (CANDIDO, 2000, p. 74). É que os autores neorregionalistas, em diálogos com os autores regionalistas, mantêm essa postura problematizadora com qualidade estética e

acrescentando nos pontos de convergência a defesa da tradição regional com aspectos de universalidade e resistência cultural, constituindo e singularizando uma identidade cultural e espacial para que o indivíduo sintasse pertencente a um lugar e com isso dar sentido às coisas próximas. A literatura regionalista e a neorregionalista agora contribuem para essa manutenção significativa de toda uma tradição valorativa que promove a ressonância dessas concepções diante da formação de uma consciência não amena, mas

crítica e valorativa dos aspectos locais que são universais.

Assim, procuramos destacar nesse nosso pequeno texto o quanto Antonio Candido contribuiu para os estudos regionalistas e até mesmo neorregionalistas – enquanto formação da base teórica para análise, quando mudou a sua postura em algum momento condenativa e depois apresentando em suas análises os pontos diferenciadores do regionalismo modernista e da sua imensa contribuição para a nossa tradição literária.

[referências]

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

_____. **Literatura e sociedade**. 8. ed., São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. **Textos de intervenção**. Introdução, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

BRAGA, Herasmo Braga de Oliveira Brito. **Neorregionalismo brasileiro: análise de uma nova tendência na literatura brasileira**. Teresina: EDUFPI, 2017.

ANTONIO CANDIDO: cambio perceptivo en relación al Regionalismo y la fundamentación teórica para el Neorregionalismo

Resumen:

Este estudio tiene como objetivo analizar la postura de Antonio Candido ante el Regionalismo Literario Brasileño, que va cambiando a lo largo de sus obras, y con base en este cambio destacar los elementos basales que sirvieron como referencia para el desarrollo del Neorregionalismo Brasileño. El presente análisis se caracteriza esencialmente como bibliográfica. Se utiliza como base los siguientes autores: Candido (1999, 2000, 2002, 2006), Brito (2017). Se buscó, primero, presentar las diversas visiones de Antonio Candido en relación al Regionalismo. A continuación, evidenciamos los elementos conceptuales que sirvieron como base para la configuración del Neorregionalismo Literario Brasileño.

Palabras Clave: Regionalismo Literario; Neorregionalismo; Crítica Literaria.

